

NORA SAKAVIC



A TOCA das RAPOSAS

TUDO PELO JOGO

LIVRO 1

SECRET
SOCIETY



SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Abuso e violência sexual

Alcoolismo, drogas

e abuso de medicamentos

Ansiedade e pânico

Automutilação

Bullying

Capacitismo

Homofobia

Internamento

psiquiátrico

Linguagem explícita

Morte

Não-consentimento

Suicídio

Tortura

Trauma (Síndrome de

Stress Pós-traumático)

Violência em geral

e violência doméstica

SECRET SOCIETY

MENCIONADOS

MAS NÃO DESCRITOS:

Abuso sexual de crianças

Crueldade animal

Pedofilia

Violação

AVISO DE CONTEÚDO

Esta série lida com muitos conteúdos que podem ser sensíveis para algumas pessoas, por isso queremos ter a certeza de que consultaste bem a listagem de trigger warnings no início deste livro.

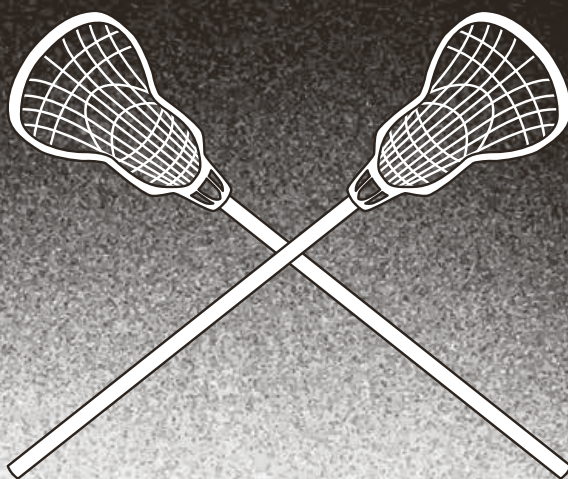
Desta vez, optámos por incluir trigger warnings que abrangem a série toda, em vez de apenas este volume. Consideramos importante que saibas o tipo de temas que podem surgir mais à frente e assim te possas preparar para ler sobre eles. Incluímos também uma listagem de temas que são mencionados, mas não descritos de forma gráfica.

Põe sempre a tua segurança psicológica e emocional em primeiro lugar.

Boa leitura... and take care!

Inês Martins

A Executive Seeker da Secret Society



CAPÍTULO UM

Neil Josten deixou o cigarro queimar até ao filtro sem sequer dar uma passa. Não era a nicotina que queria, era o fumo acre que lhe fazia lembrar a mãe. Se inspirasse devagar o suficiente, quase conseguia saborear os resquícios da gasolina e do fogo. Aquilo tinha tanto de repulsivo como de reconfortante, e causava-lhe um arrepio perturbador na espinha. O tremor chegou-lhe à ponta dos dedos e sacudi um pedaço de cinza, que caiu nas bancadas, entre os seus sapatos, e foi levado pelo vento.

Olhou para o céu, mas as estrelas estavam ofuscadas pelo brilho das luzes do estádio. Perguntou-se — e não pela primeira vez — se a mãe estaria a olhar para ele. Esperava que não. Haveria de lhe dar uma tarefa das antigas se o visse ali sentado a lamuriar-se.

Uma porta rangeu atrás de si, despertando-o dos seus pensamentos. Neil puxou o saco para junto do corpo e olhou para trás. O treinador Hernandez abriu a porta do balneário e sentou-se ao lado dele.

— Não vi os teus pais no jogo — atirou-lhe Hernandez.

— Estão fora.

— Ainda ou outra vez?

Nem uma coisa nem outra, mas Neil não se descoseu. Sabia que os professores e o treinador estavam fartos de ouvir a mesma desculpa sempre que perguntavam pelos seus pais, mas era uma mentira tão fácil como gasta. Explicava porque é que nunca se viam os Josten na cidade e porque é que Neil tinha uma predileção por dormir no recinto da escola.

Não era como se ele não tivesse onde ficar. Era mais porque vivia na ilegalidade. Millport era uma cidade moribunda, o que significava que havia dezenas de casas no mercado que nunca seriam vendidas. Ele tinha-se apropriado de uma no verão, num bairro tranquilo, habitado sobretudo por idosos. Os seus vizinhos raramente deixavam o conforto dos seus sofás e telenovelas diárias, mas sempre que ele entrava e saía, arriscava-se a ser visto. Se as pessoas se apercebessem de que ocupava a casa de forma ilegal, começariam a fazer perguntas difíceis. Por norma, era mais fácil invadir e dormir no balneário. Neil só não sabia porque é que Hernandez o deixava fazer aquilo e não avisava as autoridades, mas achava melhor não perguntar.

O treinador estendeu a mão. Neil entregou-lhe o cigarro e viu-o apagá-lo nos degraus de cimento. Hernandez atirou a beata para o lado e virou-se para Neil.

— Ainda pensei que eles abrissem uma exceção esta noite — disse-lhe.

— Ninguém sabia que seria o último jogo — disse Neil, olhando para o campo.

A derrota que Millport sofrera naquela noite eliminava a equipa do campeonato estadual a dois jogos da final. Tão perto e, no entanto, tão longe. A época tinha acabado num piscar de olhos. Uma equipa de manutenção já estava a desmontar o campo, a retirar as paredes de acrílico e a colocar o relvado sintético

sobre o piso. Em breve, seria novamente um campo de futebol. O Exy só voltaria no outono. Ver aquilo custava-lhe imenso, mas Neil não conseguia desviar o olhar.

O Exy era um desporto Frankenstein, uma espécie evoluída de lacrosse, jogado num campo com as dimensões de um campo de futebol e com a violência do hóquei no gelo, e Neil adorava todos os componentes, desde a velocidade à agressividade. Era a única parte da sua infância de que nunca tinha sido capaz de abdicar.

— Eu depois ligo-lhes para dizer o resultado — disse, visto que Hernandez continuava a olhar para ele. — Não perderam grande coisa.

— Ainda não, talvez... — disse Hernandez. — Está aqui alguém para falar contigo.

Para alguém que tinha passado metade da vida a fugir do passado, aquelas palavras eram um autêntico pesadelo. Neil levantou-se e pôs o saco ao ombro, mas o chiar de um sapato atrás de si fê-lo perceber que era demasiado tarde para fugir. Neil virou-se e viu um matulão desconhecido parado à porta do balneário. A camisola de alças que o homem usava deixava a descoberto as tatuagens de chamas tribais que lhe cobriam todo o braço. Tinha uma mão enfiada no bolso das calças de ganga. A outra segurava um dossiê volumoso. A sua postura era descontraída, mas havia uma certa intencionalidade nos seus olhos castanhos.

Neil não o reconheceu, o que significa que não era daquelas bandas. Millport tinha menos de 900 habitantes. Era uma cidade onde todos sabiam tudo sobre toda a gente. Essa coscuvilhice arraigada não era de todo benéfica para Neil e para todos os seus segredos, mas pensava poder usar essa mentalidade de cidade pequena como escudo. Os mexericos sobre alguém de fora deveriam ter chegado até ele antes do estranho. Millport tinha-lhe falhado nesse aspeto.

— Não o conheço — disse Neil ao homem.

— Ele é de uma universidade — explicou Hernandez. — Veio ver-te jogar hoje.

— Tretas — cortou Neil. — Os olheiros não vêm a Millport. Ninguém sabe onde fica.

— Existe uma coisa chamada mapa — disse o estranho. — Talvez já tenhas ouvido falar.

Hernandez lançou a Neil um olhar cheio de advertência e levantou-se.

— Ele veio até cá porque lhe enviei os teus dados. Fez-me saber que estava à procura de um atacante, e achei que valia a pena tentar. Não te disse porque podia não dar em nada e não quis dar-te falsas esperanças.

Neil olhou fixamente para ele.

— Fez o quê?

— Tentei entrar em contacto com os teus pais quando ele pediu para nos encontrarmos esta noite, mas eles não responderam às minhas mensagens. Disseste que eles tentariam vir.

— E tentaram — reforçou Neil. — Mas não conseguiram.

— Não posso esperar por eles — disse o estranho, descendo para ficar ao lado de Hernandez. — Sei bem que a época já vai demasiado avançada para estar aqui, mas tive alguns problemas técnicos com o meu último recruta. O treinador Hernandez disse que ainda não escolheste uma escola para o outono. Calha bem, não? Preciso de um atacante suplente, e tu precisas de uma equipa. Só tens de fazer uma rubrica e és meu durante cinco anos.

Neil precisou de duas tentativas para encontrar a sua voz.

— Deve estar a brincar comigo.

— Não estou a brincar nem tenho tempo a perder — disse o homem.

Atirou o dossiê para a bancada onde Neil estava sentado. O seu nome estava rabiscado na capa com um marcador preto.

Neil ainda pensou em abrir o dossiê, mas para quê? A pessoa que o treinador tinha investigado tão cuidadosamente não era real e não existiria por muito mais tempo. Dali a cinco semanas, Neil haveria de se formar e, em seis, seria outra pessoa, muito longe dali. Por mais que gostasse de ser Neil Josten, já tinha ficado tempo a mais.

Já devia estar habituado. Passara os últimos oito anos em fuga, a inventar mentiras para tentar apagar o seu rasto. Havia 22 nomes entre ele e a verdade, e Neil sabia o que aconteceria se alguém finalmente ligasse os pontos. Assinar por uma equipa universitária era tudo menos não dar nas vistas. Significava ficar sob as luzes da ribalta. A prisão não conseguiria deter o pai durante muito mais tempo, e Neil não sobreviveria a um novo confronto.

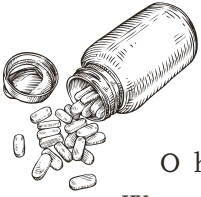
As contas eram simples de fazer, mas isso não tornava as coisas mais fáceis. Aquele contrato era um bilhete só de ida para um futuro, algo que Neil nunca poderia ter, mas que desejava mais do que tudo. Por instantes, recriminou-se por ter feito as provas para entrar na equipa de Millport. Sabia que não devia entrar em campo. A mãe dissera-lhe que nunca mais voltaria a jogar. Avisara-o para guardar distância, e ele desobedecera-lhe. Mas que mais poderia Neil fazer? Tinha ficado preso em Millport depois da morte da mãe, porque não sabia como continuar sem ela. Aquela era a única coisa real que lhe restava. Agora que tinha voltado a sentir aquele gostinho, não sabia como virar costas.

— Por favor, vá-se embora — disse ele ao homem.

— Sei que é um pouco repentino, mas preciso mesmo de uma resposta esta noite. A Comissão não me larga da mão desde que a Janie foi internada.

Neil sentiu um aperto no estômago ao ouvir aquele nome. Levantou o olhar do dossiê e encarou o treinador.

— Raposas — disse. — Universidade Palmetto State.



O homem — que Neil sabia agora ser o treinador David Wymack — pareceu ter ficado espantado com a rapidez com que ele fez a associação.

— Parece que estás atento às notícias.

Com que então, dificuldades técnicas. Era uma forma simpática de dizer que a sua última recruta, Janie Smalls, se tinha tentado matar. A melhor amiga encontrou-a a sangrar numa banheira e levou-a para o hospital mesmo a tempo. Tanto quanto Neil sabia, a jovem estava em vigilância suicida numa ala psiquiátrica. O costume nas Raposas, dissera o pivô num aparte grosseiro, mas não exagerado.

As Raposas da Universidade Palmetto State eram uma equipa de talentosos marginais e viciados, porque Wymack só recrutava atletas de lares desfeitos. A sua decisão de transformar a Toca das Raposas numa espécie de centro de reabilitação era boa em teoria, mas significava que os seus jogadores eram lobos solitários que não se conseguiam entender durante tempo suficiente para aguentarem um jogo. Eram famosos na NCAA, tanto pelo seu plantel reduzido como por terem ficado em último lugar três anos consecutivos. Tinham obtido melhores resultados no último ano, graças à perseverança da sua capitã e à força da sua nova linha defensiva, mas continuavam a ser considerados uma anedota pelos críticos. Até a CRE, a Comissão Regulamentar de Exy, começava a perder a paciência com os maus resultados.

Foi então que o antigo campeão nacional Kevin Day se juntou à equipa. Era a melhor coisa que podia ter acontecido às Raposas e significava que Neil nunca poderia aceitar a oferta de Wymack. Neil não via Kevin há quase oito anos e não estava preparado para voltar a vê-lo. Algumas portas tinham de ficar fechadas. A vida de Neil dependia disso.

— Não pode estar aqui — disse Neil.

— Mas estou — disse Wymack. — Precisas de uma caneta?

— Não. Não vou jogar na sua equipa.

— Não ouvi bem.

— Contratou o Kevin.

— E o Kevin quer que te recrutemos, por isso...

Neil não ficou para ouvir o resto.

Galgou as bancadas em direção ao balneário. O barulho metálico dos seus passos era audível, mas não o suficiente para abafar a pergunta espantada de Hernandez. Neil não olhou para trás para ver se estavam a segui-lo. Só lhe interessava afastar-se o mais possível dali. Queria esquecer a formatura. Esquecer o «Neil Josten». Partiria naquela noite e haveria de fugir até esquecer que Wymack lhe tinha dito aquelas palavras.

Neil não foi suficientemente rápido.

Ia a meio do balneário quando se apercebeu de que não estava sozinho. Havia alguém à sua espera na antecâmara entre ele e a porta da rua. A luz refulgiu numa raquete amarela brilhante quando o estranho a brandiu, e Neil ia demasiado depressa para conseguir parar. A madeira embateu no seu corpo com força suficiente para esmagar os pulmões contra a coluna. Não se lembrava de ter caído, mas de repente estava de joelhos, a arranhar o chão enquanto tentava respirar. Vomitaria se conseguisse recuperar o fôlego, mas o seu corpo recusava-se a colaborar.

O zumbido nos seus ouvidos era a voz furiosa de Wymack, mas parecia estar a muitos quilómetros de distância.

— Porra, Minyard. Não tens cuidado nenhum com nada.

— Ora, mister — disse alguém por cima da cabeça de Neil.

— Se ele fosse assim tão delicado, não nos serviria de nada, pois não?

— Não nos servirá de nada se o partires.

— Preferia que o deixasse ir? Ponha-lhe um penso rápido e ele fica como novo.

O mundo ficou negro, mas depois tornou-se perfeitamente nítido quando o ar chegou finalmente aos pulmões massacrados

de Neil. Inspirou com tanta força que se engasgou, e o ataque de tosse que se seguiu sacudiu-lhe o corpo com violência. Agarrou-se à barriga para se recompor e olhou com raiva para o seu agressor.

Wymack já tinha dito o nome do homem, mas nem era preciso. Já tinha visto aquela cara em demasiados recortes de jornais para não o reconhecer de imediato. Andrew Minyard não era muito impressionante ao vivo, loiro e com 1,52 m de altura, mas Neil sabia que, no seu caso, as aparências iludiam. Andrew era o guarda-redes caloiro das Raposas e também o seu melhor investimento. A maioria das Raposas era autodestrutiva; já Andrew parecia mais interessado em danos colaterais. Tinha passado três anos num reformatório e esquivou-se por pouco a uma segunda temporada.

Andrew era também a única pessoa a ter recusado a Universidade Edgar Allan, que estava em primeiro lugar. Kevin e Riko organizaram pessoalmente um encontro para lhe dar as boas-vindas, mas Andrew recusou e juntou-se às Raposas, que estavam na cauda da classificação. Nunca explicou a escolha, mas todos presumiram que tinha sido motivada pelo facto de Wymack estar disposto a contratar dois dos seus parentes — Aaron, o irmão gêmeo de Andrew, e o primo, Nicholas Hemmick, que se juntaram ao plantel no mesmo ano. Fosse qual fosse o motivo, Andrew foi responsabilizado pela recente transferência de Kevin.

Kevin jogou pelos Corvos da Edgar Allan até partir a mão dominante num acidente de esqui em dezembro passado. Uma lesão desse calibre custou-lhe o contrato com a universidade, mas ele devia ter recuperado no sítio onde teria o apoio da sua antiga equipa. Em vez disso, mudou-se para a Palmetto para ser o treinador-adjunto oficioso de Wymack. Há três semanas, foi oficialmente contratado para a equipa titular da próxima época.

A única coisa que uma equipa tão fraca como as Raposas podia oferecer a Kevin era o guarda-redes que o tinha rejeitado.

Neil passou a primavera a investigar tudo e mais alguma coisa sobre Andrew, numa tentativa de compreender o homem que tinha captado a atenção de Kevin. Dar de caras com Andrew teve tanto de confuso como de doloroso.

Ele sorriu para Neil e bateu continência com dois dedos em jeito de saudação.

— Desejo-te melhor sorte para a próxima.

— Vai-te foder — respondeu Neil. — A quem roubaste a raquete?

— Só pedi emprestada. — disse Andrew, atirando-a para Neil. — Aqui tens.

— Neil — chamou Hernandez, pegando nele pelo braço para o ajudar a levantar. — Caramba, estás bem?

— O Andrew é um bocado bruto — disse Wymack, posicionando-se entre Neil e o guarda-redes, que não teve dificuldades em perceber aquele aviso silencioso. Levantou as mãos num encolher de ombros exagerado e recuou para dar mais espaço a Neil. Wymack ficou a vê-lo afastar-se e depois olhou para Neil. — Ele partiu alguma coisa?

Neil encostou as mãos cuidadosamente às costelas e respirou, sentindo a forma como os seus músculos gritavam em protesto. Já tinha fraturado ossos suficientes para saber que desta vez tinha tido sorte.

— Eu estou bem. Mister, vou-me embora. Com licença.

— Ainda não acabámos — cortou Wymack.

— Wymack... — atirou Hernandez.

Wymack não o deixou terminar.

— Pode deixar-nos a sós?

Hernandez alternou o olhar entre Wymack e Neil, e desistiu.

— Estou lá fora.

Neil ficou a ouvir o som dos seus passos. O treinador abriu a porta das traseiras com força, que não demorou a fechar-se com

um rangido agonizante. Neil ficou à espera do clique antes de voltar a falar.

— Já lhe dei a minha resposta. Não vou assinar contrato convosco.

— Não ouviste a minha proposta toda — disse Wymack. — Se paguei para trazer três pessoas até aqui para te verem, o mínimo que podes fazer é dar-me cinco minutos, não achas?

Neil ficou sem pinga de sangue tão depressa que sentiu o mundo a tremer. Deu um passo cambaleante para trás, afastando-se de Wymack, numa procura desesperada de equilíbrio e de espaço para respirar. O saco bateu-lhe na anca e ele prendeu uma mão à volta da alça, sentindo que precisava de algo a que se agarrar.

— Não acredito que o trouxe até cá.

Wymack olhou-o fixamente.

— Há problema?

Neil não podia contar-lhe a verdade, por isso disse:

— Não sou suficientemente bom para jogar na equipa de um campeão.

— Isso é verdade, mas irrelevante — disse uma nova voz, e Neil ficou sem fôlego. Sabia que não devia virar-se, mas quando deu por si, já estava a mexer-se.

Devia ter adivinhado quando viu Andrew ali, mas não quis pensar nisso. Não havia razão para um guarda-redes se encontrar com um potencial atacante. Andrew só estava ali porque Kevin Day nunca ia a lado nenhum sozinho.

Kevin estava sentado em cima da consola que se estendia ao longo da parede do fundo. Tinha empurrado a televisão para um lado para ter mais espaço e coberto o espaço à sua volta com papéis.

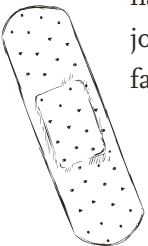
Assistira ao espetáculo todo e, a julgar pela sua expressão fria, não tinha ficado impressionado com a reação de Neil.

Tinham-se passado anos desde que Neil estivera com Kevin; os mesmos anos desde que viram o pai de Neil cortar um homem agonizante às postas. Neil conhecia a cara de Kevin tão bem como a sua, consequência de ver Kevin crescer sob as luzes da ribalta a mil e tal quilómetros de distância. Tudo nele estava diferente. Tudo estava igual, desde o cabelo escuro e olhos verdes ao número dois preto tatuado na face esquerda. Neil viu aquele número e teve vontade de vomitar.

Kevin já tinha aquele número na altura, mas era demasiado novo para fazer uma tatuagem permanente. Em vez disso, ele e o seu irmão adotivo, Riko Moriyama, escreviam os números um e dois na cara com marcadores, traçando-os uma e outra vez sempre que começavam a desaparecer. Na altura, Neil não percebeu, mas Kevin e Riko tinham altos voos em mente. Juraram-lhe que haveriam de ser famosos.

E tinham razão. Eram jogadores profissionais e integravam o plantel dos Corvos. No ano passado, tinham sido escolhidos para a seleção nacional. Eram campeões, ao passo que Neil era um emaranhado de mentiras e becos sem saída.

Neil sabia que Kevin não o reconheceria. Já tinha passado demasiado tempo; ambos tinham crescido em mundos diferentes. Neil tinha disfarçado ainda mais a sua aparência quando pintou o cabelo de uma cor escura e passou a usar lentes de contacto castanhas. Mas por que estaria então Kevin Day ali, à procura dele? Nenhuma equipa de Classe I desceria tão baixo, nem mesmo as Raposas. O currículo de Neil dizia que ele só jogava Exy há um ano. Tinha tido o cuidado de jogar como um novato, andando inclusivamente de um lado para o outro com livros de instruções no outono passado. Ao início, tinha sido fácil fingir, uma vez que não pegava numa raquete há oito anos. O facto de estar agora a jogar numa posição diferente daquela em que jogava na liga infantil ajudava, uma vez que o tinha obrigado a reaprender o jogo



de uma perspectiva diferente. A sua curva de aprendizagem tinha sido invejável e inevitável, mas mesmo assim tinha feito todos os possíveis para não brilhar.

Ter-se-ia descaído? Será que tinha sido demasiado óbvio que Neil tinha experiência acumulada que ocultara de todos? Como teria ele captado a atenção de Kevin, se fez os possíveis para não dar nas vistas? E se tinha sido assim tão fácil para Kevin, o que dizer dos homens do pai?

— O que fazes aqui? — perguntou, sentindo os lábios dormentes.

— Porque é que te ias embora? — indagou Kevin.

— Perguntei primeiro.

— O mister já respondeu a essa pergunta — disse Kevin, com impaciência. — Estamos à espera que assines o contrato. Não nos faças perder tempo.

— Não — disse Neil. — Há milhares de atacantes que gostariam de jogar na vossa equipa. Porque não vão chateá-los a eles?

— Analisámos os currículos de todos eles — disse Wymack. — E escolhemos-te a ti.

— Eu não vou jogar com o Kevin.

— Vais, sim — garantiu-lhe o atacante.

Wymack encolheu os ombros na direção de Neil.

— Talvez não tenhas reparado, mas não saímos daqui enquanto não disseres que sim. O Kevin diz que és imprescindível, e tem razão.

— Devíamos ter deitado fora a carta do teu treinador assim que a abrimos — disse Kevin. — O teu currículo é deplorável e não quero alguém com a tua inexperiência no nosso plantel. Vai contra tudo o que estamos a tentar fazer com as Raposas este ano. Felizmente para ti, o teu treinador sabia muito bem que não podia enviar-nos a tua ficha técnica. Enviou-nos antes uma gravação para que pudessemos ver-te em ação. Jogas como se tivesses tudo a perder.

A sua inexperiência.

Se Kevin se lembrasse dele, saberia que aquele currículo não correspondia à verdade. Saberia que Neil tinha jogado na liga infantil. Lembrar-se-ia do jogo interrompido pelo homicídio daquele homem.

— Então, é por isso — disse Neil, em surdina.

— Só vale a pena jogar com atacantes assim.

O alívio deu a volta ao estômago a Neil. Kevin não o reconheceu e tudo aquilo era apenas uma terrível coincidência. Talvez fosse a forma de o mundo lhe mostrar o que poderia acontecer se ficasse demasiado tempo no mesmo sítio. Da próxima vez, podia não ser o Kevin. Da próxima vez, podia ser o seu pai.

— Na verdade, o facto de estares neste fim de mundo joga a nosso favor — admitiu Wymack. — Ninguém, além da nossa equipa e da direção da escola, sabe que estamos aqui. Não queremos a tua cara a abrir noticiários este verão. Já temos problemas que cheguem neste momento e não queremos trazer-te para a confusão antes de assentares arraiais no campus. Há uma cláusula de confidencialidade no teu contrato, que diz que não podes dizer a ninguém que és nosso antes do início da época em agosto.

Neil olhou para Kevin, à procura do seu nome verdadeiro no rosto do atacante.

— Não é boa ideia.

— A tua opinião foi devidamente considerada e rejeitada — disse Wymack. — Mais alguma coisa, ou queres começar a dar ao dedo?

O melhor a fazer era sair dali. Mesmo que Kevin não soubesse quem ele era, tudo aquilo era uma péssima ideia. As Raposas tinham demasiada exposição mediática e isso só iria piorar com Kevin no plantel. Neil não podia ficar sujeito a um tal escrutínio. Devia rasgar o contrato de Wymack em mil pedacinhos e virar costas de imediato.

Partir significava viver, mas a vida de Neil era sinónimo de sobrevivência, e nada mais. Era uma vida de nomes novos, sítios novos, sem olhar para trás; de fazer as malas e partir assim que começava a relaxar. Neste último ano, sem a mãe ao seu lado, significava estar completamente sozinho e à deriva. Não sabia se estava preparado para isso.

Também não sabia se estava preparado para desistir do Exy outra vez. Era a única coisa que o fazia sentir-se real. O contrato de Wymack era uma autorização para continuar a jogar e uma oportunidade de continuar a fingir ser normal durante mais algum tempo. Wymack falou em cinco anos, mas Neil não precisava de ficar tanto tempo. A verdade é que podia fugir quando quisesse.

Voltou a olhar para Kevin. Este não o reconheceu, mas talvez uma parte de si se lembrasse do rapaz que tinha conhecido há tantos anos. O passado de Neil estava guardado nas memórias de Kevin. Era a prova de que ele existia, tal como o jogo que ambos jogavam. Kevin era a prova de que Neil era real. Talvez fosse também a melhor hipótese que este tinha de saber quando voltar a partir. Se ele vivesse, treinasse e jogasse com Kevin, perceberia quando o seu colega começasse a ficar desconfiado. Assim que começasse a fazer perguntas ou a olhar para ele de forma estranha, Neil haveria de se pôr ao caminho.

— E então? — perguntou Wymack.

Os instintos de sobrevivência lutaram contra a necessidade e deram azo a um pânico quase debilitante.

— Tenho de falar com a minha mãe — disse Neil, porque não sabia o que mais dizer.

— Para quê? — quis saber o treinador. — És maior, não és? O teu processo diz que tens 19 anos.

Neil tinha 18 anos, mas não ia contradizer o que dizia o seu processo falsificado.

— Mesmo assim, tenho de lhe perguntar.

— Ela vai ficar feliz por ti.

— Talvez — concordou Neil, baixinho, sabendo que era mentira. Se a mãe soubesse que estava a ponderar tal coisa, ficaria furiosa. Era melhor que não soubesse, mas Neil sentiu aquele «melhor» como uma faca cravada no seu peito. — Eu falo com ela esta noite.

— Podemos dar-te boleia para casa.

— Eu vou bem sozinho.

— Esperem no carro — disse Wymack, olhando para as suas Raposas.

Kevin juntou a sua papelada e desceu do seu poleiro. Andrew esperou que este se juntasse a ele e acompanhou-o para fora do balneário. Wymack aguardou que se retirassem e depois olhou para Neil com um ar sério.

— Precisas que um de nós fale com os teus pais?

— Não é preciso, está tudo bem — reafirmou Neil.

Wymack nem sequer fez um esforço para ser subtil na pergunta que fez a seguir.

— São eles que te fazem mal?

Neil olhou para ele, perplexo. A pergunta era suficientemente direta para ser indelicada a tantos níveis que ele nem tinha por onde começar a responder. Wymack pareceu ter noção disso, porque avançou antes que Neil pudesse responder.

— Vamos tentar outra vez. Só pergunto isto porque o treinador Hernandez acredita que passas várias noites por semana aqui. Ele acha que se passa alguma coisa, uma vez que não mudas de roupa com os outros, nem deixas ninguém conhecer os teus pais. Foi por isso que me deu o teu nome; ele acha que encaixas no plantel. Sabes o que isso significa, certo? Sabes o tipo de pessoas que procuro. Não sei se ele tem razão, mas algo me diz que não anda muito longe da verdade. Seja como for, o balneário

vai ser encerrado quando o ano letivo terminar. Não vais poder vir para aqui durante o verão. Se os teus pais forem um problema para ti, mudamos-te para a Carolina do Sul mais cedo.

— O quê? — perguntou Neil, espantado.

— O Andrew e mais alguns rapazes ficam na cidade nas férias de verão — disse Wymack. — Ficam com a Abby, a enfermeira da nossa equipa. A casa dela está cheia, mas podes ficar comigo até o dormitório abrir em junho. O meu apartamento não foi feito para duas pessoas, mas tenho um sofá que é um pouco mais macio do que uma pedra. Dizemos às pessoas que estás lá para começar os treinos de condição física mais cedo. Metade deve acreditar, o resto nem por isso, mas não importa. As Raposas são Raposas por algum motivo e eles sabem que não te contrataríamos se não estivesses à altura. Isso não significa que tenham de saber todos os pormenores. Não me cabe a mim perguntar, e também não vou ser eu a dizer-lhes seja o que for.

Neil precisou de duas tentativas para conseguir dizer a palavra.

— Porquê?

O treinador Wymack ficou calado durante um minuto.

— Achas que formei esta equipa porque pensei que seria um bom golpe publicitário? Tem tudo que ver com segundas oportunidades, Neil. Segundas, terceiras, quartas, o que for, desde que tenhas pelo menos mais uma do que as pessoas estavam dispostas a dar-te.

Neil tinha ouvido Wymack ser apelidado de idiota idealista por mais do que uma pessoa, mas era difícil ouvi-lo e não acreditar na sua sinceridade. Neil estava dividido entre a incredulidade e o menosprezo. Não sabia porque Wymack se deixava desiludir uma e outra vez. Neil já teria desistido das Raposas há anos.

Wymack deu-lhe um segundo para pensar antes de voltar a perguntar:

— Os teus pais vão ser um problema?



Havia demasiado em jogo para arriscar, mas demasiado em jogo para abdicar. Custou-lhe acenar com a cabeça, mas custou ainda mais ver o olhar cansado de Wymack. Não era a pena que ele achava que via ocasionalmente em Hernandez, mas algo familiar que lhe dizia que Wymack compreendia aquilo por que Neil tinha de passar. Ele conhecia o esforço necessário para acordar e seguir em frente todos os dias. Duvidava que o homem compreendesse efetivamente, mas o pouco que fosse já era mais do que alguma vez vira em alguém. Neil teve de desviar o olhar.

— O teu treinador disse-me que a cerimónia de formatura é no dia 11 de maio — disse Wymack, pausadamente. — Vamos mandar alguém para te apanhar no Aeroporto Upstate Regional na sexta-feira, dia 12.

Neil quase disse que ainda não tinha concordado com nada, mas as palavras morreram-lhe na garganta quando se apercebeu de que ia mesmo.

— Fica com a papelada esta noite — disse Wymack, entregando o dossiê a Neil. Desta vez, ele não o rejeitou. — O teu treinador pode enviar-me as cópias assinadas por fax na segunda-feira. Bem-vindo à equipa.

«Obrigado» parecia apropriado, mas Neil não conseguiu dizer nada. Tinha os olhos postos no chão. Wymack não esperou muito tempo por uma resposta antes de ir à procura de Hernandez.

A porta das traseiras fechou-se atrás dele e Neil sentiu o nervosismo a tomar conta de si. Correu para a casa de banho e chegou a uma cabina mesmo a tempo de vomitar na sanita.

Imaginou a raiva da mãe se soubesse o que ele estava a fazer. Lembrava-se muito bem dos seus puxões de cabelos. Todos aqueles anos passados a correr de um lado para o outro e agora ele ia deitar tudo a perder. A mãe nunca lhe perdoaria e ele sabia, e isso não ajudava em nada a abrandar o aperto que sentia agora no estômago.

— Desculpa — disse, ofegante, enquanto tentava controlar um ataque de tosse. — Desculpa, desculpa...

Cambaleou até aos lavatórios para lavar a boca e ficou a olhar para os espelhos que estavam pendurados por cima deles. Com cabelo preto e olhos castanhos, tinha um aspeto simples e mediano. Não era alguém que se destacasse no meio da multidão ou que ficasse na memória. Era isso que ele queria, mas ponderou se conseguiria iludir as câmaras de televisão. Fez uma careta ao ver o seu reflexo, aproximou-se do espelho e puxou madeixas de cabelo para ver as raízes. Estavam suficientemente escuras para ele ficar descansado. Inclinou-se para trás.

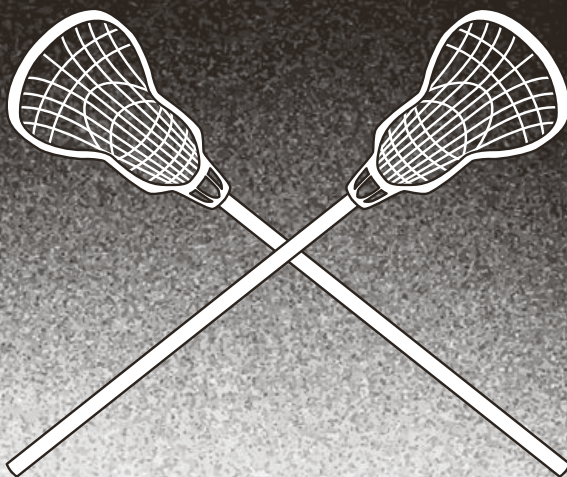
— Universidade — disse, em voz baixa. Soava a sonho; sabia a maldição.

Abriu o saco apenas o suficiente para conseguir guardar a papelada de Wymack. Quando regressou à sala principal, os dois treinadores estavam à sua espera. Neil não lhes disse nada e passou por eles em direção à porta.

Andrew abriu a porta de trás do SUV de Hernandez quando Neil passou por ele e lançou-lhe um sorriso intencional e provocador.

— Demasiado bom para jogar connosco e demasiado bom para andar connosco?

Neil lançou-lhe um olhar gélido e estugou o passo. Quando chegou ao fim do parque de estacionamento, já estava a correr. Deixou o estádio, as Raposas e as suas promessas quase demasiado boas para serem verdade para trás, mas sentiu o contrato não assinado que estava no seu saco como uma âncora à volta do pescoço.



CAPÍTULO DOIS

Há muito tempo que Neil tinha perdido a conta aos aeroportos que já tinha visto. Fosse qual fosse o número, nunca se sentira confortável em nenhum. Havia demasiadas pessoas às quais estar atento, e voar com passaportes falsificados era sempre arriscado. Tinha herdado os contactos da mãe após a sua morte, por isso sabia que a falsificação era boa, mas o seu coração batia mais depressa sempre que alguém pedia para ver os seus documentos.

Nunca tinha passado pelo Sky Harbor ou pelo Upstate Regional, mas havia algo de familiar no seu ritmo frenético. Ficou parado num dos lados da porta de embarque do Upstate durante quase um minuto, depois de todos os outros passageiros do seu voo terem corrido para a porta das Chegadas ou para os respetivos transferes. A multidão à sua volta parecia ser composta pela mistura habitual: turistas, homens de negócios e estudantes que regressavam a casa no final do semestre. Não estava à espera de ver alguém que reconhecesse, pois nunca tinha estado na Carolina do Sul, mas não custava nada confirmar.

Por fim, seguiu os sinais ao longo de um corredor e subiu um lance de escadas até à porta das Chegadas. O facto de ser uma tarde de sexta-feira significava que o pequeno espaço estava bem preenchido, mas encontrar a pessoa que o treinador Wymack tinha enviado para o apanhar foi mais fácil do que Neil previra.

Foi a intensidade do olhar do colega de equipa que fez com que Neil olhasse quase diretamente para ele. Era um dos gémeos. A julgar pela placidez do seu olhar, Neil imaginou que não fosse Andrew. Aaron Minyard era muitas vezes considerado o «normal» dos dois, embora isso fosse quase sempre seguido por um debate sobre se tal coisa podia ser possível, uma vez que ele partilhava os genes de Andrew.

Neil atravessou a sala para ir ter com o colega. Neil era o jogador mais baixo da equipa dos Dingos de Millport, mas era cerca de 7,5 cm mais alto do que Aaron. A indumentária preta que Aaron usava não o fazia parecer mais alto, e Neil ponderou como é que ele aguentava usar mangas compridas em maio. Sentia calor só de olhar para ele.

— Neil — disse Aaron, em vez de um olá, e apontou.
— Recolha de bagagem.

— Só trouxe isto. — Neil bateu na alça do saco de lona que pendia do seu ombro. O saco era suficientemente pequeno para ser uma mala de mão e suficientemente grande para transportar tudo o que Neil tinha.

Aaron recebeu a informação sem comentários e seguiu para fora do aeroporto. Neil foi atrás dele pelas portas de vidro deslizantes, para uma tarde abafada de verão. Uma pequena multidão aguardava na passadeira que o semáforo abrisse, mas Aaron abriu caminho e avançou para a estrada. Ouviu-se um chiar de travões quando um táxi parou a centímetros da baixa estatura de Aaron. Este não pareceu reparar, mais interessado em acender um cigarro que segurava entre os lábios. Prestou ainda menos

atenção às palavras pouco simpáticas que o motorista lhe dirigiu. Neil fez um gesto de desculpa ao taxista e correu para o apanhar.

Um carro preto e elegante estava estacionado seis filas atrás, no parque de estacionamento de curta duração. Neil não percebia muito de automóveis, mas percebeu que era um carro caro. Por instantes, pensou que devia haver um veículo mais pequeno atrás daquele, mas Aaron destrancou as portas pressionando um botão do seu porta-chaves.

— Saco na bagageira — instruiu, enquanto abria a porta do condutor e se sentava de lado no banco para fumar.

Neil obedeceu e colocou o seu saco na bagageira antes de se sentar no lugar do passageiro da frente. Aaron não se mexeu antes de o cigarro estar meio consumido. Atirou a beata para o cimento a seus pés e fechou a porta. Uma volta da chave na ignição despertou o motor, e Aaron olhou novamente para Neil. O vislumbre de um sorriso assomou-lhe ao canto dos lábios, mas a expressão era notoriamente hostil.

— Neil Josten — disse ele, como se estivesse a testar a forma como soava. — Passas aqui o verão, é?

— Sim.

Aaron ligou o ar condicionado no máximo e engatou a marcha-atrás.

— Já somos cinco, mas parece que vais ficar com o mister.

O treinador Wymack tinha avisado Neil de que os primos Andrew, Aaron e Nicholas ficariam na cidade, mas as contas não batiam certo. Neil sabia quem seria a quinta pessoa. Não queria acreditar, mesmo que já contasse com aquilo. Kevin tinha estado sempre colado a Andrew desde a sua transferência. Mesmo assim, Neil tinha de ter a certeza.

— O Kevin vai ficar no campus? — perguntou.

— Onde o campo de jogo está, o Kevin está. Não existe sem ele — disse Aaron, num tom escarinho.



— Não pensei que fosse pelo campo que o Kevin ficasse — disse Neil.

Aaron não respondeu. Era uma viagem curta até à saída do parque de estacionamento e Aaron tinha dinheiro pronto para pagar à senhora da cabina. Assim que a cancela se abriu, ele acelerou. Uma buzina soou prontamente assim que entraram de rompante no trânsito e Neil apertou discretamente o cinto de segurança. Aaron não reparou ou não quis saber. Quando já estavam na estrada, lançou um olhar de lado a Neil.

— Ouvi dizer que chocaste de frente com o Kevin no mês passado.

— Ninguém me avisou que ele ia lá estar — respondeu Neil, enquanto via a paisagem a passar através da janela. — Talvez me perdoes por não ter reagido bem.

— Não tenho de perdoar ninguém. Não foi a mim que ofendeste. É a segunda vez que um recruta o manda à merda. Se fosse possível baixar-lhe a crista, ele teria ficado com o orgulho em frangalhos, mas a verdade é que isso só o convenceu da burrice dos atletas da secundária.

— Tenho a certeza de que o Andrew teve os seus motivos para recusar, tal como eu.

— Disseste que não eras suficientemente bom, mas eis-te aqui agora. Achas que um verão de treinos vai fazer assim tanta diferença?

— Não — constatou Neil. — Mas era muito difícil dizer que não.

— O mister sabe sempre o que dizer, não é verdade? Mas isso torna as coisas mais difíceis para nós. Nem sequer Millport devia ter apostado em ti.

Neil encolheu os ombros.

— Millport é uma cidade demasiado pequena para se preocupar com a experiência. Eu não tinha nada a perder em prestar



provas e eles não tinham nada a ganhar ao rejeitarem-me. Acho que foi uma questão de estar no sítio certo à hora certa.

— Acreditas no destino?

Neil detetou indícios de desprezo na voz do seu interlocutor.

— Não. Tu acreditas?

— Talvez na sorte, então — disse Aaron, ignorando o retruco.

— Só na má.

— Mas ficamos lisonjeados com a elevada consideração que tens por nós.

Aaron guinou o volante, fazendo deslizar o carro de uma faixa para a outra sem prestar atenção ao trânsito à volta. Múltiplas buzinas soaram atrás deles. Neil observou pelo espelho retrovisor que vários carros se desviaram para não bater neles.

— É um carro demasiado bom para te estampares com ele — disse, enfático.

— Não tenhas tanto medo de morrer — respondeu Aaron, enquanto o carro continuava a deslizar pela estrada de quatro faixas até uma saída. — Se tiveres, não tens lugar no nosso campo.

— É um desporto, não uma batalha até à morte.

— Vai dar ao mesmo — retorquiu Aaron. — Vais jogar por uma equipa de Classe I que tem o Kevin no plantel. Estão todos dispostos a derramar sangue por ele. Presumo que tenhas visto as notícias.

— Vi, sim — confirmou Neil.

Aaron estalou os dedos como se isso provasse o seu ponto de vista. Neil teria dificuldade em desmenti-lo, por isso deixou passar.

Kevin Day e o seu irmão adotivo, Riko Moriyama, eram aclamados como filhos do Exy. A mãe de Kevin, Kayleigh Day, e o tio de Riko, Tetsuji Moriyama, criaram a modalidade há cerca de 30 anos, enquanto Kayleigh estudava em Fukui, no Japão. O que começou por ser uma experiência extravasou do campus para as

equipas de rua locais e depois além-mar para o resto do mundo. Kayleigh levou o Exy consigo para a Irlanda depois de concluir a licenciatura e os Estados Unidos adotaram a modalidade pouco depois.

Kevin e Riko foram criados com o Exy. Quando o enorme estádio Castle Evermore da Edgar Allan, o primeiro estádio de Exy da NCAA nos Estados Unidos, ainda era pouco mais do que um projeto, Kevin e Riko já tinham raquetes personalizadas. Após o acidente de viação fatal de Kayleigh, Tetsuji acolheu Kevin, mas o novo treinador dos Corvos não tinha tempo para criar filhos. Em vez disso, Riko e Kevin passaram os seus anos de formação em Evermore, com os Corvos, e foram considerados as mascotes oficiosas da equipa. Quando não eram treinados por Tetsuji, eram treinados pela equipa. Além disso, tinham aulas privadas no estádio para não terem de sair para ir à escola.

Kevin e Riko cresceram em frente às câmaras, mas sempre com o Exy como pano de fundo e sempre juntos. Até Kevin se transferir para a Palmetto, ele e Riko nunca foram vistos em quartos separados. A sua infância pouco convencional fez com que muitos se preocupassem com o seu bem-estar psicológico, mas também alimentou uma obsessão pela dupla. Riko e Kevin eram a cara dos Corvos. Para muitos, eram considerados o futuro do Exy.

No passado dezembro, Riko e Kevin desapareceram das luzes da ribalta durante semanas. Quando os campeonatos da primavera começaram em janeiro, nenhum dos dois fazia parte da equipa titular dos Corvos. Só no final desse mês é que Tetsuji Moriyama abordou o assunto numa conferência de imprensa, e a notícia foi um rude golpe para os adeptos de Exy de todo o país: Kevin Day tinha partido a mão numa viagem de esquí. Segundo palavras de Tetsuji, Kevin e Riko estavam demasiado abalados para encararem os Corvos ou os adeptos.

No dia seguinte, o treinador Wymack anunciou à imprensa que Kevin estava a recuperar na Carolina do Sul. Para os adeptos mais ferrenhos, saber que Kevin não voltaria a jogar era mau; descobrir que ele tinha deixado os Corvos era ainda pior. Se Kevin estava relegado para o banco como treinador-adjunto, devia pelo menos beneficiar a sua equipa de sempre com o seu prestígio e conhecimentos. Os adeptos tomaram as dores da sua equipa, mas quase todos presumiram que ele voltaria a ser transferido assim que a sua mão sarasse. Só que Kevin Day assinou contrato com as Raposas em março — não como treinador, mas como atacante.

Os adeptos já não se sentiam desolados, mas sim traídos. Desde então, a Palmetto tinha vindo a sofrer o impacto dessa rai-va. A universidade e o estádio foram vandalizados mais de uma dúzia de vezes e houve inúmeras zaragatas no campus. E a situação só iria piorar quando a época comesse e os adeptos vissem Kevin a envergar as cores das Raposas. Neil não estava desejoso de se meter no meio daquela confusão.

O condomínio onde Wymack morava ficava a 20 minutos de carro do aeroporto. O parque de estacionamento estava quase vazio, pois era meio da tarde de um dia de trabalho, mas havia três pessoas à espera no passeio. Aaron foi o primeiro a sair e apontou o porta-chaves para a bagageira do carro. Neil ouviu o estalido da fechadura quando saiu do carro. Aaron foi ter com os outros, enquanto Neil foi buscar o seu saco de viagem. Colocou-o ao ombro, relaxando um pouco ao sentir o seu peso familiar, e fechou a bagageira. Quando olhou para cima, era o centro das atenções.

Os gémeos ladeavam Kevin, vestidos de forma idêntica, mas facilmente distinguíveis pelos seus olhares. Aaron parecia aborrecido, agora que tinha cumprido o seu dever de levar Neil até ali. Andrew estava a sorrir, mas Neil sabia que aquela cara não era sinónimo de simpatia. Tinha o mesmo sorriso estampado no rosto quando lhe deu com a raquete no estômago.

Nicholas Hemmick era o único que parecia verdadeiramente contente por ver Neil, e deu um passo em direção à estrada quando este se aproximou. Neil agradeceu o gesto, visto que assim podia evitar olhar para Kevin, e aceitou prontamente a mão que Nicholas lhe estendeu.

— Viva — disse o rapaz, aproveitando o aperto de mão para puxar Neil para o passeio. — Bem-vindo à Carolina do Sul. O voo foi bom?

— Sim — disse Neil.

— Sou o Nicky — disse, voltando a apertar a mão de Neil com força antes de a largar. — Sou primo do Andrew e do Aaron, um defesa de topo ao teu dispor.

Neil alternou o olhar entre ele e os gémeos. Os gémeos eram brancos, mas Nicky não. Tinha cabelo preto, olhos castanhos escuros e pele dois tons demasiado escura para ser um bronzeado. E era quase 30 cm mais alto do que eles.

— Primos de sangue?

Nicky riu-se.

— Não parece, pois não? Saio à minha mãe. O meu pai «resgatou-a» do México durante uma viagemzinha da caridade. — Revirou os olhos e depois apontou para os outros com o polegar. — Já conheces esta malta, certo? Aaron, Andrew, Kevin. O mister devia estar aqui para te abrir a porta, mas teve de sair a correr para o estádio. Recebeu uma chamada da CRE, provavelmente com mais tretas sobre o facto de ainda não termos divulgado o nosso suplente. Entretanto, estás por nossa conta, mas nós temos as chaves dele. Tens as malas na bagageira?

— Só trouxe isto — disse Neil.

Nicky arqueou uma sobrancelha e olhou para os outros.

— Este anda só com o essencial. Gostava de ser assim, mas sou materialista.

— Materialista é dizer pouco — disse Aaron.

Nicky sorriu e pousou a mão no ombro de Neil, passando pelos colegas e encaminhando-o em direção à porta da rua.

— É aqui que o treinador mora — disse, desnecessariamente. — Ele é que ganha a guita toda, por isso vive neste sítio finório, enquanto nós, os pobres, temos de dormir em sofás.

— Para pobres, andam num belo carro — disse Neil.

— É por isso que somos pobres — disse Nicky, num tom seco.

— Temos este carro graças à mãe do Aaron e ao seu seguro de vida — explicou Andrew. — Teve de morrer para valer alguma coisa.

— Calma — disse Nicky, mas estava a olhar para Aaron quando o disse.

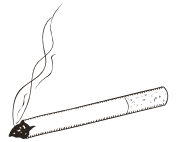
— Calma, calma — Andrew levantou as mãos em sinal de rendição. — Que importa? Vivemos num mundo cruel, não é verdade, Neil? Se assim não fosse, não estarias aqui.

— Não é o mundo que é cruel — respondeu-lhe Neil. — São as pessoas que vivem nele.

— Aí está uma grande verdade.

Apanharam o elevador até ao sétimo andar em silêncio. Neil tinha os olhos postos nos números por cima da porta para não olhar para o reflexo de Kevin. O desconforto de estar àquela altura era quase distração suficiente. Ele sempre preferira ficar nos andares mais baixos para poder escapar facilmente, caso fosse necessário. Saltar pela janela naquele prédio estava fora de questão. Lembrou-se de tomar nota de todas as escadas de incêndio.

O apartamento de Wymack era o número 724. Juntaram-se todos à porta para que Aaron pudesse tirar a chave do bolso. Precisou de duas tentativas para se lembrar em que bolso a tinha guardado. Neil nem sequer reparou quando ele a encontrou e abriu a porta. Estava demasiado ocupado a olhar para os bolsos das calças de Aaron. Estavam demasiado lisos para conterem um



maço de cigarros, mas Neil tinha-o visto a guardar o maço antes de atravessar a rua no aeroporto.

— Aqui está, Neil — disse Nicky, e ele obrigou-se a olhar para a porta aberta. Nicky fez-lhe sinal para que passasse à frente. — Lar doce lar, se é que alguma coisa relacionada com o mister pode ser considerada doce.

Neil sabia desde abril que ficaria algumas semanas em casa do treinador Wymack. Teve noção, nos dias que se seguiram à visita de Wymack, que seria uma situação desconfortável. Mas, ainda assim, não estava preparado para a forma como o seu estômago se contorcia. Estava sozinho desde que a mãe morrera, e o último homem com quem vivera fora o pai. Como permitiria ele que Wymack trancasse a porta todas as noites com os dois debaixo do mesmo teto? Não podia dormir ali; sempre que Wymack respirasse, Neil acordaria com medo que estivesse alguém atrás dele. Talvez fosse melhor desistir e ir para um hotel, mas como explicar isso a Wymack? Teria mesmo de o fazer? O treinador achava que os pais de Neil eram abusivos, por isso talvez compreendesse a sua relutância.

Não estava à espera de ficar bloqueado daquela maneira, e tinha hesitado demasiado tempo. Viu o olhar que Nicky lançou a Aaron, curioso e confuso, e soube que tinha cometido um erro. Mesmo assim, só quando Andrew se aproximou dele para ver qual era o problema é que conseguiu voltar a mexer-se. Andrew estava a sorrir, mas o seu olhar pálido era intenso. Neil olhou para ele por instantes e percebeu que era pior ficar ali com eles do que entrar no apartamento. Haveria de encontrar uma solução, mas não ali e não agora, não com Andrew e Kevin como testemunhas.

Neil passou a soleira da porta e seguiu pelo corredor. A primeira porta dava para a sala de estar onde Neil iria dormir. O sofá que Wymack tinha indicado estava limpo e até tinha um post-it a dizer

que os cobertores estavam na gaveta da mesinha de café. Era a única superfície limpa da sala. Tudo o resto estava coberto de papelada e canecas de café vazias. Os cinzeiros a transbordar também abundavam de forma pouco saudável.

Neil estava a meio da sala, avançando em direção à janela, quando Nicky falou atrás de si.

— Que cena foi aquela?

Neil ficou sem pinga de sangue. Não foram as palavras que o afetaram, mas sim a língua utilizada por Nicky. O alemão era a sua segunda língua, graças aos três anos que passou entre a Áustria, a Alemanha e a Suíça. Lembrava-se mais da Europa do que gostaria; a maior parte do tempo que passara lá tinha sido terrível. Neil sabia que o sabor a sangue que tinha na boca era apenas fruto da sua imaginação, mas era suficientemente forte para o sufocar. Sentia o coração a bater em cada centímetro da pele, tão depressa que o fazia tremer da cabeça aos pés.

Como é que eles sabiam que ele falava alemão?

Neil teve vontade de fugir, mas depois Aaron respondeu e Neil percebeu, com um baque avassalador, que Nicky não estava a falar com ele.

Não. Estavam a falar dele, de forma a que ele não percebesse o que diziam. Neil obrigou-se a continuar o seu percurso até à janela. Abriu as cortinas e encostou as mãos ao vidro, à procura de algo que o estabilizasse enquanto o seu coração tentava voltar ao ritmo normal.

— Às tantas, estava a saborear o momento — respondeu Aaron.

— Não — discordou Nicky. — Aquilo foi puro instinto de luta ou fuga. Mas que raio lhe disseste, Andrew? — Neil olhou para trás, para eles. Nicky não estava a olhar para Andrew, porventura ciente de que não obteria uma resposta, mas observava Neil do outro lado da sala. Quando este se virou, Nicky esboçou um sorriso rasgado e voltou a falar em inglês. — Que tal uma visita guiada?



Preparem as raquetes, porque o Exy vai começar.

NEIL JOSTEN quer fugir do seu passado **sangrento**, que o assombra aonde quer que vá. Juntar-se à famosa equipa de Exy, as **Raposas**, é a última coisa de que ele precisa, porque a sua vida só durará o tempo que as suas **mentiras** aguentarem.

Mas quando um **convite** irrecusável lhe é feito, Neil dá por si numa equipa cheia de jovens perigosos, **traumatizados** e desajustados, entre os quais está **ANDREW MINYARD**, um colega que parece desconhecer o significado da palavra **limites**...

**Um clássico de culto YA,
onde violência e sobrevivência
se unem num enredo de leitura compulsiva.**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.seekthebutterfly.pt)
[secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)
[#seekthebutterfly](https://www.facebook.com/seekthebutterfly)

ISBN 9789897872228



9 789897 872228 >

